

ANÁLISE BIBLIOLÓGICA DE LIVROS RAROS: A PRESERVAÇÃO AO “PÉ DA LETRA”

Alessandra Hermógenes Rodrigues*

Mariana Fernandes Calheiros**

Patricia da Silva Costa ***

RESUMO

Objetiva revelar a importância da análise bibliológica para a identificação e preservação de livros raros. Foram feitos experimentos práticos a fim de analisar e identificar os aspectos intrínsecos e extrínsecos do livro raro. Além disso, foram feitas pesquisas em literatura específica da área. Procura ressaltar a relevância da Bibliologia, no contexto da Biblioteconomia de Livros Raros, como ciência que consolida e complementa os processos de descrição bibliográfica e temática dos itens. Demonstra que evidenciar as informações intelectuais e materiais do livro raro, a partir de terminologia específica de descrição, que personaliza o exemplar, é imprescindível como recurso de segurança e de propriedade.

Palavras-chave: Análise bibliológica. Bibliologia. Livros raros. Biblioteconomia de Livros Raros.

AUTORAS

***Alessandra Hermógenes Rodrigues** - alissahrodrigues@hotmail.com

Discente do 4º período da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Estagiária da Divisão de Microrreprodução da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

****Mariana Fernandes Calheiros** – maricalheiros@terra.com.br

Discente do 4º período da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Estagiária da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

*****Patrícia da Silva Costa** - patricia11out@yahoo.com.br

Discente do 4º período da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Estagiária da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

ORIENTAÇÃO

Profª Ana Virginia Pinheiro - anapaz@bn.br

Bibliotecária, Chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) e Professora da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Aílton P. Calheiros Jr., a Carlos Lima e às nossas colegas de turma e estágio Lílian Alves de Oliveira – pela digitação e revisão ortográfica e Alessandra Castro Fiorini – pela tradução do resumo para a língua inglesa.

SUMÁRIO

Introdução	3
Metodologia	4
Primeiro fundamento	5
Segundo fundamento	11
Resultados	12
Conclusões	14
Bibliografia	16

Introdução

*Que nunca o livro fique longe de tua mão e de teus olhos.
(Nunquam de manu et oculis tuis recedat liber)*
São Jerônimo

Ressaltar a importância da Análise Bibliológica como método da Bibliologia, imprescindível para a preservação e identificação de livros raros, é fundamental para compreender, desenvolver, organizar e salvaguardar coleções bibliográficas de memória.

Quando se fala do livro raro, a primeira abordagem considerada é a natural, sem qualquer interferência da formação técnico-científica necessária para a consideração materialística do livro, que implica pensar o livro como suporte, matéria; como se o livro “raro” fosse aquele que “parece” raro, isto é: antigo, velho... Somente depois desse primeiro encontro e superadas as primeiras impressões, é que a mente “viajará” e se ocupará do conteúdo dos livros e das informações que difundem; particularmente, àquelas expressas pela arte de sua produção.

A Bibliologia é a ciência do livro, o corpo teórico da Análise Bibliológica que, por sua vez, implica o exame minucioso, beneditino, o colacionamento do livro raro página-por-página. “Se o livro fosse um ser humano, a Bibliologia seria a ciência

do corpo, expressa nos suportes e nas composições de imagem e texto utilizados para o registro da informação” (PINHEIRO, 2002).

A Análise Bibliológica permite arrolar todas as informações intrínsecas e extrínsecas (cf. HOUAISS, 1983), originais ou acrescentadas ao livro raro, segundo terminologia específica e consagrada.

Através da Análise Bibliológica são reveladas, apenas para quem tem olhos treinados para ver e mãos habilitadas para tocar o livro raro, informações que atribuem ao livro o caráter de registro de memória.

Não é possível estabelecer enfoque unilateral para a Análise Bibliológica, em face das múltiplas e ricas possibilidades de descrição reveladas e por desvelar. No entanto, a relevância da Análise Bibliológica no contexto do exercício técnico e científico da Biblioteconomia de Livros Raros (*Rare Book Librarianship*) é acolhida como inquestionável por curadores de coleções de livros raros, empenhados na sua descrição.

Partindo do pressuposto de que “todo bom livro é raro” (PINHEIRO, 1999), é fácil considerar que este caráter aplica-se primordialmente a itens que compõem acervos de memória – conjuntos que não se restringem a datas antigas de publicações ou à natureza retrospectiva das coleções e dependem de profissionais bibliotecários especializados.

Um livro raro, à luz da Biblioteconomia de Livros Raros, tem igual importância tanto quando produzido artesanalmente no século XV quanto artisticamente, em pleno século XXI – em ambos os casos, a Análise Bibliológica se aplica.

Metodologia

Análise Bibliológica, como recurso de preservação e salvaguarda, exige o conhecimento do livro raro sob o ponto de vista da sua materialidade.

A falta de registros sobre as práticas da produção tipográfica do livro, em seus primórdios – talvez, uma consequência do segredo sobre tipografia, quando de sua invenção, no século XV – dificulta a apreensão, em curto prazo, dos fundamentos teóricos da Bibliologia. Essa circunstância é agravada pela falta de literatura científica que direcione os procedimentos inerentes. Nessas

circunstâncias, a segmentação dos conhecimentos apontados como necessários para a Análise Bibliológica foi proposta e descrita por Ana Virginia Pinheiro, orientadora desta Pesquisa – Bibliotecária; professora das disciplinas Produção do Registro do Conhecimento I e II e Organização e Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional brasileira, que propôs dois fundamentos: conhecer a História da Editoração e da Produção do Livro impresso e conhecer a História das práticas de Leitura, de colecionismo dos livros, desde o século XV.

Primeiro Fundamento

1 Conhecer a História da Editoração e da Produção do Livro impresso, especificamente do Livro Raro, do século XV ao século XVIII.

A busca pela História da Editoração e da Produção do Livro possibilita a análise dos aspectos intrínsecos da obra. O conhecimento dessa História, associada à convivência diária com livros raros, isto é, associada ao “ver” e ao “tocar” o livro raro, rotineiramente, favorecerá a revelação contínua de aspectos bibliológicos, muitas vezes, não indicados na literatura. Um bom exemplo, são os primeiros livros impressos por prensa tipográfica, no século XV, denominados incunábulo – esses livros possuem peculiaridades que os distinguem de impressos posteriores, tais como:

[...] a inexistência da página de rosto; o início do texto na primeira página; presença de iluminuras¹; ilustrações xilogravadas²; falta de paginação e reclamos³; título de partida indicado por Incipit (“*aqui começa*”, em latim) e colofão⁴ indicado por Explicit (“*aqui termina*”) e geralmente era impresso sobre papel artesanal⁵ ou pergaminho⁶ (PINHEIRO, 2005 – **Figuras 1 e 2**).

¹ Iluminura: arte que nos antigos manuscritos, e em alguns incunábulo, alia a ilustração e a ornamentação, por meio de pintura a cores vivas, ouro e prata, de letras iniciais, flores e folhagens; figura e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço comumente reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras, molduras e ramagens.

² Xilogravura: A xilogravura é um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.

³ Reclamo: modo de expressar a ordem progressiva das folhas (Litteral reclamantis), que consiste em escrever na margem inferior da última página de um fascículo as primeiras palavras do seguinte.

⁴ Colofão: palavra grega que significa *traço final*. Além das informações respeitantes aos títulos do livro, ao nome do autor, do impressor, ao lugar e data de impressão, contém notas sobre o editor que corrigiu e preparou o texto, o patrono que tornou possível a publicação do livro etc.

⁵ Papel artesanal: papel feito a partir de trapos de linho.

A História da Editoração e da Produção do Livro oferece, ainda, as características bibliológicas referentes a cada século de produção; por exemplo: no século XVI, o livro apresentava página de rosto com marca do impressor e destaque para a concessão de privilégio⁷; além disso, incluía capitais ornamentadas⁸ (**Figura 3**) e historiadas⁹ (**Figura 4**), e a mancha de texto era acrescida de corandel¹⁰.

⁶ Pergaminho: material fabricado de peles preparadas de animais, principalmente de carneiros ou de vitelos. O melhor era feito da pele destes últimos e era conhecido por velino.

⁷ Privilégio: concessão outorgada pelo soberano, que dava a um impressor direito de exclusividade para executar certa obra, durante tempo previamente estabelecido.

⁸ Capitais ornamentadas: aquela que é, apenas, decorada, tanto em manuscritos como em impressos; os elementos de decoração podem, por vezes, invadir o texto, sobretudo no caso dos primeiros.

⁹ Capital historiada: aquela que tem figuras ou símbolos como motivos de adorno, normalmente alusivos ao texto; é utilizada, em geral, no início de capítulos.

¹⁰ Corandel: coluna de texto, alinhada às margens laterais, fora da mancha do texto principal.

In epistola scti ieronimi ad paulinu p[re]bitero
 rade omib[us] diuine h[er]esib[us] lib[er]o ca. p[ri]m[us].
Inter ambrosius ma
 mebi munuscula p[re]f
 reus. deulit simul et
 suauissimas lras: q[ui] a
 p[ro]p[ri]o amicitiaz. h[ic]
 de m. pbate iam h[ic]:
 et v[er]eas amicitie no
 ua p[re]ferant. Sed em illa necessimdo e
 et xpi giunio coplata: q[ui] non vnitatis rei
 familiaris. non p[ri]na ranni corporei. non
 subdola a palpas adulaco: s[ed] dei timor. et
 diuina s[er]uata: studia secliat. Legi
 m veteris h[er]esib[us]. quos d[omi]n[u]s iustitiae p[ro]
 ctas nonos a d[omi]n[u]s ip[s]os. in ma t[ri]stite: at
 eos quos ex libris nouerat: cor am q[ui] v[er]
 rent. Sic pitagoras memphiticos vate.
 sic plato egypti. a archia tarenan[us]. e am
 q[ui] a r[ati]o. que quonda magna grena
 dicebant. labioh[er]es p[ro]p[ri]o: ut qui
 artans magister erat. i pores. cum seq[ue]
 ct[er]mas academie gignat[ur] p[ro]n abant.
 sic p[er]grinus atq[ue] discip[ul]o: males aliena
 verecite discere. q[ui] sua impudeter ingeret.
 Deniq[ue] cum lras quasi roto oede fugientes
 p[ro]p[ri]o capnis a pirans et venudans. ty
 rimo crudelissimo paruit ductus capnif
 vinctus a ferus: tam q[ui] p[ro]p[ri]o p[ro]p[ri]o: ma
 ior emente se h[ic]. Ad tyru h[ic]. la heo elo
 quone fonte manant[ur] de vltima h[er]esib[us]
 galtharic[us] h[er]esib[us]. quos d[omi]n[u]s venisse nobiles
 legimus: a quos ad ore pla coes su roma
 non traxerat: vnius homis fama p[ro]p[ri]o.
 Habuit illa etas mauditi omib[us] seculis.
 celebrandiq[ue] imitatu: vt vrbe[m] tantam
 ingressi: aliud extra vrbe[m] quereret. Apol
 loinus siue ille magus vt vulgus loquit[ur].
 siue p[ro]p[ri]o. ut pitagonei tradit[ur]. inerat p[ro]
 las. p[ro]p[ri]o cauca[us]. alb mos. setha.
 ma[us] g[er]at. opulensima indie regna pe
 nerant: et ad extremis lantimo p[ro]p[ri]o
 anue t[ri]stite puenit ad brigmanas. vt
 h[er]esib[us] in throno sedent[ur] auro. a de ta
 rali fonte porant[ur]. inter paucos discip[ul]o.
 de nana. de monib[us]. ac de cursu d[omi]n[u]s. a h[er]
 tu auderet docent[ur]. Inde p[ro]p[ri]o. babi
 lomos. chaldeos. medos. alios. parthos.

syros. phoenices. arabes. palestinos. reu[er]
 ad alexandria. p[ro]p[ri]o ad ethiopia: vt ge
 gnosop[ro]p[ri]o. a famosissima solis mentas
 videret in sablo. Inuent ille vir vbiq[ue] q[ui]
 diceret: a semper p[ro]p[ri]o. semp se melior
 fieret. Scripsit super hoc plenissime octo
 volumibus. p[ro]p[ri]o. II.
Quid loquar de seculi hominib[us]. cum
 ap[osto]lus paulus. vas electio[n]is. a ma
 gister genau. qui de o[ra]cia ranni in se h[er]esib[us]
 nis loquebat[ur]. dicebat. an ex p[ro]p[ri]o querit
 eius qui in me loquit[ur]. x[rist]o: post damascu
 arabi. atq[ue] iustitiae. ascendit iherosolimay
 vt videt petru. a m[er]ite apud eu dieb[us] q[ui] de
 ci: hoc em misterio eb domachus. a ogdo.
 dis. h[er]esib[us] q[ui] p[ro]p[ri]o. iustitiae. cat.
 h[er]esib[us] post anos quoz decem allumpto
 barnaba. et tyro. exposit[ur] cu ap[osto]lo euage
 lio: ne forte in vacui currer[et] aut eucurreret.
 Habet nescio quid latens energie. vne
 vocis actus: a in aures discip[ul]i de aucto[n]
 ore t[ri]stite: fornis sonat. Sonde. a e[st] h[er]esib[us]
 cu roci exalac[ur]. a lege res illa dem ostens
 ois qua a duersus eu habuerit miramto
 e[st] h[er]esib[us] atq[ue] laudando: h[er]esib[us] ait. Quicquid
 ip[s]am audisens bestia. sua v[er]ba resonante
Hec hoc dico. q[ui] sit aliquid in III.
 me t[ri]stite. q[ui] vel possis a me audie vel
 v[er]bis d[omi]n[u]s: sed quo ardor n[ost]ro a discendi
 studiu. etiam a h[er]esib[us] nobis p[ro]p[ri]o debe
 at. In gemu doct[ur]. a sine doctore laudabi
 le est. Non quid inuenias: s[ed] quid queras
 co[n]sideramus. O[ra]cia. a ad formand[um]
 facili: etiam si arabis a plaste cessent ma
 nus: tamen v[er]ba roni est quicquid ce potest.
 Paulus ap[osto]lus ad pedes gramathis. lege
 mo[ra] et p[ro]p[ri]o. didicisse se gloriat[ur]. ut ar
 manus sp[irit]u[us] reho. postea doct[ur] co[n]sideret.
 Arina em nostre m[er]ite non carnalia s[un]t.
 sed potenna deo. ad destructionem munco
 num. a cogitaco[n]is destruentes. a omes al
 nudinem extollent[ur] se. aduersus scias dei:
 et ca p[ro]p[ri]o omes intellectu ad obedien
 dum x[rist]o: a pan subingere omes m[er]ite
 en[er]gias. Chimoteulerib[us] ab infanta sacro
 lris. etudiu et h[er]esib[us]. ac h[er]esib[us] lecto[n]
 ne negligat q[ui] q[ui] d[omi]n[u]s sit. et p[ro]p[ri]o
 manus p[ro]p[ri]o. Tyro p[ro]p[ri]o in[ter] cetera



Figura 1: Primeira página da Bíblia de Mogúncia (1462), com *incipit* destacado em vermelho (rubricado).
 Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).



Figura 2: Última página da Bíblia de Mogúncia (1462), mostrando o *explicit* rubricado. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).



Figura 3: Capital ornamentada.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).



Figura 4: Capital historiada
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

Já nos livros produzidos nos séculos XVII e XVIII, é possível identificar, com o exame da obra, a evolução significativa de estilos. O pergaminho é substituído, definitivamente, pelo papel, que manteve as marcas de fabrico (marcas d'água) que apresentava no século anterior. As ilustrações deixam de ser xilogravadas e passam a ser gravadas em metal, água-forte ou buril¹¹; as encadernações tornam-se luxuosas, com gravações em dourado (**Figura 5**); as vinhetas¹² ganham extrema beleza e as litogravuras¹³ são aquareladas (**Figura 6**). A Editoração e a produção documentaram o período áureo de valorização do livro, por seu aspecto material e social.

¹¹ Água-forte e Buril: Processos de gravura a entalhe, diferentes, em que o desenho, em geral decalcado na placa, é aberto por meio de buril (instrumento do gravador), que levanta talhas e as remove da placa, ou aberto mediante o uso de substância ácida (água forte), deixando o sulco onde se localiza a tinta na ocasião da tiragem. 2 Estampa obtida por esse processo.

¹² Vinheta: pequeno desenho que serve de ornamento ou ilustração a um texto.

¹³ Litogravura: técnica de impressão de imagens em pedra que gravava matrizes transpostas com tinta para o papel.



Figura 5: Pasta posterior de encadernação “imperial” em veludo verde, com florão bordado com fios e paetês dourados, em relevo.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)



Figura 6: Litogravura aquarelada, século XVIII.
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

Segundo Fundamento

2 Conhecer a História das práticas de Leitura, de colecionismo dos livros, desde o século XV permitindo identificar as marcas extrínsecas da obra.

Os elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior a sua publicação, personalizando o exemplar, devem ser indicados, após a análise detalhada do livro, através de notas específicas para a catalogação de livros raros. Tais elementos são, por exemplo: “[...] marcas de propriedades: *ex libris*¹⁴ (**Figura 7**), *super libris*¹⁵, *ex dono*¹⁶, assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidades famosas e/ou importantes” (PINHEIRO, 1989); anotações manuscritas e marcas de leitura como a *frontis* (**Figura 8**).



¹⁴ *Ex libris*: marca de propriedade, representada por selo ou papel avulso de pequeno porte, impresso com texto ou imagem que identifica o colecionador, geralmente fixada na contraguarda, na guarda volante ou nas folhas preliminares de um livro.

¹⁵ *Super libris*: marca de propriedade fixada ou gravada na encadernação (pastas ou lombada); comumente, logomarcas, escudos ou brasões que identificam o colecionador.

¹⁶ *Ex dono*: marca de propriedade, representada por anotação manuscrita que identifica o dono do exemplar, comumente, nas folhas preliminares. A dedicatória é o mais perfeito exemplo de *ex dono*; no entanto, sua importância, como elemento de valorização do exemplar, justifica a indicação de sua ocorrência, em parágrafo próprio.

Figura 7: Ex libris do bibliófilo e bibliógrafo Diogo Barbosa Machado, autor da monumental *Bibliotheca Lusithana*.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).



Figura 8: *Frontis*.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

A consideração dos dois fundamentos descritos conduz ao desenvolvimento da capacidade de descrição imagética do livro. Essa capacidade deve apoiar-se em revisão de literatura e na convivência com o livro raro.

Resultados

O propósito da análise bibliológica está em constituir-se como recurso de segurança, porque, mediante o registro de todas as informações intelectuais e

materiais do livro raro, caracteriza-se a sua individualidade – condição essencial para identificar o exemplar possuído e garantir sua propriedade.

Somente após o colacionamento – o exame do livro página-por-página, torna-se possível, por exemplo, atribuir notas especiais na catalogação de um livro raro, registrando as particularidades de cada exemplar; constatando a necessidade de conservação ou de retirada temporária de consulta e, em último caso, de restauração. O colacionamento pode determinar, pelo volume e qualidade das informações arroladas – intelectuais e materiais – a urgência da microfilmagem de preservação, isto é, o oferecimento do item em segundo suporte, para salvaguardar o original¹⁷ (cf. **Figura 9** e **exemplo de notas de colacionamento**).

Essas vantagens do colacionamento relevam as cinco Leis da Biblioteconomia, formuladas por Ranganathan (1928): “1 Os livros são para uso; 2 Para cada leitor, seu livro; 3 Para cada livro, seu leitor; 4 Poupar o tempo do leitor; e 5 A biblioteca é um organismo em crescimento” (RANGANATHAN apud PINHEIRO 2005).

¹⁷ PINHEIRO, Ana Virginia – Informação verbal, 2 jun. 2006.



Figura 9: *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa madre igreja*, de João de Barros, 1539

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

Exemplo de notas de colacionamento de um livro raro:

BARROS, João de. *Grammatica de Lingua portuguesa: com os mandamentos da Santa Madre igreja*. Lizboa: em casa de Luiz rodriguez, 1539. [56] p.

Xilogravura na folha de rosto.

Anotação manuscrita (p. [42]).

Marca do impressor (p. [56]).

Colofão: “A louvor de Deos e da gloriosa Virgem Maria, acabasse a cartinha com os preceitos e mandatos da Santa Madre igreja, e co os mistérios da missa e ...”

Raridade/importância: “esta cartinha de João de Barros é exemplar único no mundo” (Cunha, 9).

Conclusões

[...] haverá sempre Bibliotecários celestes e Bibliotecários pedestres.
Antonio Houaiss

[...] conveniente para folhear, confortável de se aconchegar a ele, fantástico de se guardar [...]. Seu design faz dele um deleite para os olhos. Sua forma faz com que seja um prazer tê-lo em mãos.
Darnton

A Bibliologia, ciência em que “o valor do livro está associado à experiência quase esotérica, criada pelo ver (intelectual) e pelo tocar (física): a seiva e o sangue, a substância (*sucum et sanguinem*) e a aparência (*colorem et speciem*)” (TOSI apud PINHEIRO, 2005) é tão essencial quanto a Bibliografia, ciência que consolida os processos de descrição bibliográfica e temática dos itens. No entanto, a área de interesse da Bibliologia, a Biblioteconomia de Livros Raros é pouco ou quase nada considerada no Brasil, sendo objeto de estudo de historiadores, pesquisadores de literaturas, bibliófilos e colecionadores¹⁸.

Vale ressaltar que somente a Biblioteconomia de Livros Raros – difundida a partir das disciplinas de Produção do Registro do Conhecimento (História do Livro e das Bibliotecas), prepara o profissional para a análise bibliológica, a descrição material

¹⁸ PINHEIRO, Ana Virginia – Informação verbal, 2 jun. 2006.

do item, de modo a captar os segredos que o livro raro transporta através dos séculos.

A consecução desta Pesquisa levou à confirmação dos papéis da Bibliologia no contexto da Biblioteconomia de Livros Raros, e reiterou que a análise bibliológica, materialística, de livros raros requer profissionais aptos à consideração do livro como corpo e espírito; profissionais hábeis no trato sensível de informações sublineares; prontos a garantir às gerações presentes e futuras o acesso às informações que ajudou a desvelar. O trato com livros raros, nessas circunstâncias configura-se como um privilégio de profissionais como àqueles lotados na Fundação Biblioteca Nacional Brasileira (**Figura 10**).

Enfim, o prazer de apreciar, tocar, abrir e colacionar os cimélios da tipografia mundial, para sua salvaguarda e difusão, exigem Bibliotecários “celestes”.



Figura 10: prédio-sede da Fundação Biblioteca Nacional, guardião do maior acervo de obras raras da América Latina

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

BIBLIOGRAFIA

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. xvi, 2232, 2, 197 p.

LOPES, Carolina. **Xilogravura**. Disponível em: <<http://www.teatrodecordel.com.br/xilogravura.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2006.

PINHEIRO, Ana Virginia. O espírito e o corpo do livro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar. **Revista Editorial**, Niterói [RJ], ano 2, n. 1, p. 25-34, 2000.

_____. Glossário de Codicologia e Documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, v. 115, p. 123-213, 1995 (1998).

_____. **Produção do registro do conhecimento I**: planos de aulas. Rio de Janeiro, 2005. 116 f. Material didático utilizado no curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

_____. **Produção do registro do conhecimento II**: planos de aulas. Rio de Janeiro, 2006. 92 f. Material didático utilizado no curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

_____. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989. 17 p.